



PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA CLASSE HOSPITALAR

Deisi Aparecida Pereira
PCNP de Educação Especial/DER Barretos

RESUMO

Em 1939, o cargo de Professor Hospitalar surge com o Ministério da Educação na França. O seu objetivo é mostrar que o espaço educativo não se restringe somente ao ambiente escolar, mas a educação pode chegar a lugares antes não viáveis (ESTEVES, 2008). Sobre a responsabilidade da UNESCO (SANCHES, 2005), decorrem conferências e compromissos internacionais, como a WCEFA - Conferência Mundial de Educação para Todos (1990), as Normas sobre a Igualdade de Oportunidades para Pessoas com Deficiências (1993), a Declaração de Salamanca (1994), a Carta do Luxemburgo (1996), o Enquadramento da Ação de Dakar (2000) e a Declaração de Madrid (2002), que preconizam a “educação para todos”, uma “educação inclusiva” promotora do sucesso de todos e de cada um, são princípios de direito e não de caridade, igualdade de oportunidades e não de discriminação, seja ela positiva ou negativa. Também a Resolução nº. 41 de outubro e 1995 (CNDCA, 1995), que em seu item 9 preconiza que toda criança e adolescente hospitalizado tem direito ao “acompanhamento do curriculum escolar durante sua permanência hospitalar”.

Palavras-chave: Classe hospitalar. Prática pedagógica hospitalar. Socialização por um processo de inclusão.

Introdução

O atendimento em classe hospitalar destina-se a prover, na conformidade do Parecer CNE/CEB nº 17/2001 (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2001), e por meio de um atendimento especializado, a educação escolar a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar ou atendimento ambulatorial.

¹ *Licenciatura* em Pedagogia com Especialização em Educação de Excepcionais - Deficientes Mentais pela Universidade de Franca – UNIFRAN/SP; deisiap@hotmail.com



Segundo Calegari-Falco (2007) a educação inclusiva na classe hospitalar assume um papel importante, pois proporciona à criança e ao adolescente internados o acesso a uma porção saudável de sua vida, que é o contato com o ambiente escolar. Esse espaço de escolarização deve respeitar as limitações impostas pela doença e pelo tratamento em curso, além de proporcionar a continuidade dos estudos.

Histórico

Devido à grande demanda de pacientes e ao velho e pequeno hospital não comportar todo crescimento, o Dr. Paulo Prata, idealizador e fundador do Hospital de Câncer de Barretos, recebeu a doação de uma área na periferia da cidade e propôs a construção deste pequeno Hospital contava com apenas quatro médicos: Dr. Paulo Prata, Dra. Scylla Duarte Prata, Dr. Miguel Gonçalves e Dr. Domingos Boldrini.

No ano de 1989, Henrique Prata, filho do casal de médicos fundadores do hospital, abraçou a ideia do pai e, com a ajuda de fazendeiros da cidade e da região realizou mais uma parte do projeto. O pavilhão Antenor Duarte Villela, onde funciona o ambulatório do novo hospital, é inaugurado em 6 de dezembro de 1991.

Dando sequência ao projeto que vem ganhando grandes proporções com a ajuda da comunidade, de artistas, da iniciativa privada e com a participação financeira governamental, outras áreas do hospital estão sendo construídas para atender via SUS os pacientes com câncer que chegam.

Em 2005, na Fundação Pio XII, no Pavilhão Sandy e Junior e Pavilhão Xuxa Meneghel começa o atendimento da primeira classe hospitalar do município.

Atualmente a classe hospitalar é atendida no Hospital de Câncer Infantojuvenil onde os alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde (MEC, SEESP, 2002).

A construção do Hospital de Câncer Infantojuvenil “Presidente Luiz Inácio Lula da Silva” foi realizada inteiramente por meio de doações obtidas através de duas edições da campanha televisiva “Direito de Viver” (transmitida pela Rede TV, Gazeta, Rede Vida e Canal Rural), e também por doações de empresas, pelo imposto de renda de pessoas físicas e jurídicas do “Projeto Cuidar” – aprovado pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) de Barretos para a captação de

recursos ao Fundo para a Infância e Adolescência (FIA), conforme estabelece o Art. 260 da Lei 8.069/90.

O nome do Hospital Infantojuvenil homenageia o ex-presidente Luiz Inácio da Lula Da Silva em agradecimento pela sua colaboração ao Hospital do Câncer de Barretos durante sua gestão.



Figura 1- Hospital de Câncer Infantojuvenil “Presidente Luiz Inácio Lula da Silva”

Classe Hospitalar

A classe hospitalar proporciona a continuidade do processo de desenvolvimento da aprendizagem dos alunos matriculados em escolas públicas, contribuindo para seu retorno e reintegração ao convívio escolar (Resolução CNE/CEB Nº 02/2001), desenvolvendo o currículo flexível para crianças, jovens e adultos matriculados em unidades escolares no sistema educacional, com o objetivo de assegurar ao aluno posterior acesso e/ou regresso à escola regular (Resolução CNE/CEB Nº 02/2001 e Indicação CEE nº 70/2007).

De acordo com Oliveira (1991) o professor dentro do contexto hospitalar representa uma pessoa de confiabilidade da criança/adolescente, pois faz parte do seu



mundo real, sendo assim, este profissional contribui de forma efetiva para a construção de um canal de comunicação entre a criança/adolescentes, pais/acompanhante e os demais membros da equipe multidisciplinar.

DESENVOLVIMENTO

Práticas Pedagógicas Hospitalar

Segundo Ceccim e Carvalho (1997) a percepção de que mesmo doente a criança pode brincar, aprender, criar e principalmente continuar interagindo socialmente, muitas vezes ajuda na recuperação, assim a criança terá uma atitude mais ativa diante de vítima mediante a situação. Desse modo podemos destacar duas formas de acompanhamento pedagógico: internações eventuais e internações recorrentes ou extensas.

O ambiente da classe hospitalar necessita ser diferenciado, tem que ser acolhedor, com estimulações visuais, brinquedos, jogos, sendo assim um ambiente alegre e aconchegante. É através do brincar que a criança e adolescentes internados encontram maneiras de viver a situação de doença, de forma criativa e positiva. Portanto, o trabalho em classe hospitalar faz com que haja diminuição do risco de comprometimento mental, emocional e físico dos pacientes.

As atividades deverão ser coordenadas de forma a dar suporte e continuidade ao trabalho escolar das crianças e adolescentes atendidos na classe hospitalar; dessa forma o planejamento de tais atividades torna-se necessário com o objetivo de reintegrar a criança e adolescentes a sua escola de origem, assim que obter alta hospitalar (CECCIM; CARVALHO, 1997).

Socialização por um processo de inclusão

Essas práticas pela diversidade e pela diversificação de atividades, por ser uma classe multisseriada tem a finalidade de recuperar a socialização por um processo de inclusão, dando continuidade a sua aprendizagem (OLIVEIRA; FILHO; GONCALVES, 2008).



É importante destacar que a criança afastada da escola sofre consequências que afetam aspectos referentes à socialização, tais como: perda de amigos, visão improdutiva de si, medo de ser esquecido, entre outros.

A participação, bem como o acompanhamento dos pais nas atividades escolares dos filhos é de fundamental importância em se tratando do contexto hospitalar. Este acompanhamento adquire um valor ainda maior, considerando a fragilidade da criança/adolescente em estado de doença e de todas as suas implicações. Segundo Oliveira (1991, p.161), “a criança hospitalizada necessita da presença amorosa e solidária dos familiares ligados a ela por laços de parentesco mais estreitos”.

Assim sendo, os acompanhantes são encorajados a permanecerem com seus filhos na classe hospitalar e participarem das atividades pedagógicas, bem como, estudar, ler, brincar, pintar, enfim, interagir com a criança possibilitando restabelecer o equilíbrio alterado pela internação, minimizando os aspectos negativos durante esse período.

Além da cooperação e dos cuidados relacionados ao tratamento, os acompanhantes também atuam como figura relevante no processo de interação entre a escola de origem e a classe hospitalar. Desta forma, deverão fornecer os dados necessários para o registro/admissão, buscar ou viabilizar o encaminhamento das atividades, relatórios e avaliações da escola de origem e encaminhá-las de volta após a realização das mesmas pela criança e após alta médica, apresentar para a escola a Ficha de Atendimento na Classe Hospitalar (OLIVEIRA, 1991).

Considerações finais

A escolarização deve respeitar as limitações impostas pela doença e pelo tratamento em curso, além de proporcionar a continuidade dos estudos. Pode também contribuir significativamente para a melhora do quadro geral do paciente.

Assim, cabe ao professor não perder de vista seu papel de educador, proporcionando aos alunos uma intervenção pedagógica bem planejada e flexibilizada, de acordo com as condições de saúde de cada educando em particular, que promova o



desenvolvimento de suas habilidades e competências e lhe permita o posterior acesso/regresso à escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Congresso. Senado. **Resolução nº 17, de 1991**. Coleção de Leis da República Federativa do Brasil, Brasília: DF, v. 183, p. 1156-1157, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Secretaria de Educação Especial. **Resolução CNE/CEB nº 2, 2001**. Brasília: DF, MEC, SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial. Brasília, DF, p.35, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Estadual de Educação, no uso de suas atribuições, com fundamento na Indicação CNE/CEB nº 70/2007**. São Paulo: SP, 2007.

CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. **Criança Hospitalizada: atenção integral como escuta a vida**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

CONANDA CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - CNDCA. **Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995**, Direitos da criança e adolescente hospitalizados, Brasília: DF, 1995.

ESTEVES, C. R. **Pedagogia Hospitalar: um breve histórico**. 2008. Disponível em: <<http://www.sme.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educacao-saude/classes-hospitalares>>. Acessado em: 17 set. 2015.

HOSPITAL DE CÂNCER DE BARRETOS. **Fundação Pio XII**. O Hospital do amor, 2013. Disponível em: <<http://www.hcancerbarretos.com.br/institucional/historia>> Acessado em: 16 Set. 2015.

_____. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial. Brasília, DF: MEC; SEESP, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 16 Set. 2015

OLIVEIRA, H. **A Enfermidade na infância: Um estudo sobre a doença em crianças hospitalizadas**. Rio de Janeiro: Instituto Fernandes Figueira/Fundação Oswaldo Cruz, 1991. Dissertação de Mestrado em Saúde da Criança. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi->



bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=303654&indexSearch=ID>. Acessado em: 18 Set. 2015.

REVISTA CIENTÍFICA ELETÔNICA DE PEDAGOGIA. Periódicos Semestral. OLIVEIRA, L. M.; FILHO, V.C.S.; GONCALVES, A.G. **Classe Hospitalar e a Prática da Pedagogia**. Ano VI, n.11, Jan. 2008. Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educacao-saude/classes-hospitalares/WEBARTIGOS/classe%20hospitalar%20e%20a%20pratica%20da%20pedagogia.pdf>> . Acessado em: 16 Set. 2015.

SANCHES, I. Compreender, **Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-acção à educação inclusiva**. Revista Lusófona de Educação, n 5 Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Lisboa, Portugal, 2005, p. 127-142. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34900507>> Acesso em: 16 Set. 2015.

VII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE Saberes docentes: edição internacional; V Encontro Nacional sobre Atendimento Escolar Hospitalar, 2007, **Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba**. CALEGARI-FALCO, A. M. **Classe Hospitalar: a criança no centro do processo educativo** (Anais). **Curitiba: Champagnat, 2007**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/PA-543-12.pdf>>. **Acessado em: 17 Set. 2015**.

WCEFA - CONFERÊNCIA MUNDIAL DE EDUCAÇÃO PARA TODOS. **Declaração mundial sobre educação para todos e Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien: Tailândia, 1990. Disponível em: <http://educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=22:a-conferencia-de-jomtien-e-a-educacao-para-todos-no-brasil-dos-anos-1990&catid=4:educacao&Itemid=15>. Acessado em: 18 set. 2015.